



DOI: <https://doi.org/10.58871/conimaps2025.c32>

## **ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

### **MENTAL HEALTH CARE FOR ADOLESCENTS IN PRIMARY HEALTH CARE**

**ANNA JULIA PONTOLI**

Graduanda em Medicina pela Universidade Feevale

**CRISTIANO GIACOBBO DAUDT**

Graduando em Medicina pela Universidade Feevale

**CARMEN VERA GIACOBBO DAUDT**

Docente da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e da Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

### **RESUMO**

**Objetivo:** Este capítulo objetiva analisar, a partir da revisão da literatura, estratégias voltadas à atenção à saúde mental de adolescentes na Atenção Primária à Saúde (APS), com ênfase em ações de acolhimento, vínculo terapêutico e integração com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). **Metodologia:** O estudo consiste na revisão da literatura, conduzida nas bases de dados PubMed e BVS, utilizando descritores MeSH: “Primary Health Care”, “Adolescent” e “Mental Health Services”. Foram incluídos artigos publicados de 2020 a 2025, redigidos em português ou inglês, com acesso gratuito e temas pertinentes. Como critérios de exclusão foram considerados: publicações duplicadas, revisões de literatura ou trabalhos não pertinentes ao escopo do estudo. Após aplicação destes critérios, doze estudos foram selecionados para análise. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados evidenciam alta prevalência de sofrimento psíquico e suicidalidade entre adolescentes na APS, com incidência significativa entre grupos socialmente vulneráveis como jovens LGBTQIAPN+, populações indígenas e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Entre as principais barreiras identificadas para a qualificação do cuidado se destacam: ausência de protocolos clínicos específicos, insegurança dos profissionais diante de sintomas emocionais e dificuldade na oferta de escuta qualificada. Em contrapartida, integração entre APS e Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil, atuação de psicólogos nas equipes, capacitações com simulações clínicas e ações intersetoriais com escolas demonstraram potencial para qualificar o cuidado. A literatura revisada reforça a importância de estratégias de educação em saúde mental e formação continuada para fortalecimento do vínculo terapêutico e adesão ao tratamento pelos adolescentes. **Considerações Finais:** A atenção à saúde mental de adolescentes na APS demanda fortalecimento de práticas acolhedoras, promoção da escuta ativa, identificação precoce de sinais de sofrimento psíquico e articulação em rede. Investir em capacitação das equipes, implementação de protocolos clínicos e promoção de ações intersetoriais são estratégias essenciais para a efetivação do cuidado integral e humanizado.

**Palavras-chave:** atenção primária à saúde; saúde mental; adolescente.



## ABSTRACT

**Objective:** This chapter aims to analyze, based on a literature review, strategies focused on adolescent mental health care within Primary Health Care (PHC), with emphasis on welcoming actions, therapeutic bonding, and integration with the Psychosocial Care Network. **Methodology:** This study consists of a literature review conducted through the PubMed and BVS databases, using the MeSH descriptors: “Primary Health Care,” “Adolescent,” and “Mental Health Services.” Articles published between 2020 and 2025, written in Portuguese or English, freely accessible, and relevant to the topic were included. Exclusion criteria were: duplicate publications, literature reviews, or studies not aligned with the scope of this research. After applying these criteria, twelve studies were selected for analysis. **Results and Discussion:** The reviewed studies highlight a high prevalence of psychological distress and suicidality among adolescents in PHC, with significant incidence among socially vulnerable groups such as LGBTQIAPN+ youth, Indigenous populations, and adolescents living in social vulnerability. The main barriers identified for improving care quality include: the absence of specific clinical protocols, professionals’ insecurity when facing emotional symptoms, and limited availability of qualified listening. On the other hand, integration between PHC and Child and Adolescent Psychosocial Care Centers, the presence of psychologists on teams, training sessions with clinical simulations, and intersectoral actions involving schools showed potential to enhance care quality. The reviewed literature reinforces the importance of mental health education strategies and ongoing training to strengthen the therapeutic bond and promote treatment adherence among adolescents. **Final Considerations:** Adolescent mental health care within PHC requires strengthening of welcoming practices, promotion of active listening, early identification of signs of psychological distress, and network coordination. Investing in team training, implementing clinical protocols, and promoting intersectoral actions are essential strategies for ensuring comprehensive and humanized care.

**Keywords:** primary health care; mental health; adolescent.

## 1 INTRODUÇÃO

A saúde mental dos adolescentes vem sendo uma preocupação crescente nos sistemas de saúde pública, especialmente quando se tratam de populações vulneráveis. O período da adolescência é composto por diversas mudanças físicas, emocionais e cognitivas e exigem grande atenção quando se trata da saúde mental. Estima-se que um a cada seis adolescentes, entre 10 e 19 anos, viva com algum transtorno mental, segundo relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com impactos significativos sobre a qualidade de vida e o desenvolvimento futuro desses indivíduos (UNICEF, 2021).

No Brasil, os indicadores têm revelado um cenário alarmante. Dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) apontam que, em 2023, ocorreram mais de 11 mil internações por tentativa de suicídio, sendo mais de 1.300 apenas entre adolescentes de 15 a 19 anos (Agência Brasil, 2023). A Fiocruz alerta para o aumento constante da taxa de suicídio entre jovens de 10 a 24 anos, com crescimento de 29% ao ano nos registros de autolesões entre 2011



e 2022 (Fiocruz, 2024). Esses dados sugerem não apenas o crescimento da morbidade psíquica entre adolescentes, mas também a insuficiência das estratégias atuais de prevenção e acolhimento no sistema público.

Nesse sentido, a Atenção Primária à Saúde (APS) por sua abrangência e capilaridade é um espaço estratégico para triagem e intervenção precoce em casos relacionados à saúde mental, principalmente em adolescentes. Além disso, é a preferencial porta de entrada do SUS, o que com uma boa abordagem e triagem dentro dos momentos iniciais do processo terapêutico demonstra grande potencial de identificação dos primeiros sinais e riscos em um primeiro contato, sem necessidade imediata de encaminhamento para especialistas, promovendo um cuidado longitudinal e contínuo, com estabelecimento de vínculos que fortalecem ainda mais o sistema de saúde e a extensão do cuidado, além de permitir uma boa articulação com os serviços especializados, quando necessário. No entanto, algumas barreiras como falta de capacitação específica e serviços de matriciamento, além do estigma relacionado à saúde mental ainda comprometem a eficiência desse serviço. Nesse contexto, destacam-se principalmente os grupos em situação de vulnerabilidade social, como jovens LGBTQIAPN+, indígenas, e aqueles em contexto de violências (OPAS, 2023).

A Política Nacional de Saúde Mental e a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) preveem a atuação integrada entre os serviços da APS e os Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis (CAPSi), mas na prática essa articulação ainda encontra entraves. A implementação de estratégias como a escuta qualificada, a criação de vínculo terapêutico, a educação em saúde mental nas escolas e a capacitação dos profissionais da atenção primária são apontadas como caminhos interessantes para a melhoria da resposta aos adolescentes em sofrimento.

Diante disso, o capítulo tem como objetivo apresentar uma revisão narrativa de literatura sobre estratégias de cuidados com a saúde mental de adolescentes na atenção primária, destacando a importância da triagem, acolhimento, longitudinalidade, fortalecimento de vínculo e articulação com o serviço especializado em saúde mental, em busca de melhores estratégias para o enfrentamento e melhor manejo na APS para esse problema de saúde pública.

## **2 METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura realizada no mês de julho de 2025. As buscas foram feitas nas bases de dados PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores MeSH: “Primary Health Care”, “Adolescent” e “Mental Health Services”. Foram incluídos artigos publicados no período de 2020 a 2025, disponíveis



em português ou inglês, com acesso gratuito ao texto completo e que abordassem o tema de abordagem da saúde mental dos adolescentes na Atenção Primária à Saúde.

Foram excluídos estudos duplicados, resumos de eventos e publicações sem relação direta com o tema proposto. A busca inicial resultou em 243 estudos, dos quais, após leitura de títulos, resumos e aplicação de critérios de elegibilidade, 67 foram lidos na íntegra e após a leitura detalhada 12 foram selecionados para compor a análise deste capítulo pela compatibilidade com o tema.

Por se tratar de uma revisão narrativa, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. A seleção e a leitura dos artigos foram realizadas manualmente, de forma criteriosa, com base nos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas entre adolescentes atendidos na Atenção Primária à Saúde (APS) é expressiva. Um estudo realizado por Albrecht *et al.* (2025), com mais de 30 mil jovens entre 12 e 25 anos atendidos em serviços de atenção primária, revelou que aproximadamente 25% apresentavam sinais de tendência suicida, embora na maioria dos casos não fosse o motivo principal da busca por consulta. Notavelmente, tais sinais foram frequentemente evidenciados na primeira consulta, o que reforça o papel estratégico da APS na detecção precoce de sofrimento psíquico. Os grupos mais afetados incluem adolescentes que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+, povos indígenas e jovens em situação de moradia instável, evidenciando o impacto das vulnerabilidades sociais sobre saúde mental (Albrecht *et al.*, 2025).

Apesar do posicionamento estratégico da APS, estudos apontam fragilidades importantes no manejo da saúde mental, principalmente de adolescentes. Profissionais relatam insegurança na abordagem de sintomas emocionais, dificuldade em estabelecer escuta qualificada e ausência de formação específica para o público adolescente. Essas barreiras foram identificadas por Silva *et al.* (2022), que destaca que muitos trabalhadores da APS se sentem despreparados para acolher adolescentes em sofrimento, o que pode resultar em invisibilidade da demanda e cronificação do quadro (Silva *et al.*, 2022).



A falta de protocolos estruturados agrava esse cenário. Segundo o estudo brasileiro de Lopes *et al.* (2023), a maioria das unidades básicas de saúde não possuem instrumentos padronizados para triagem em saúde mental infantojuvenil, o que compromete a uniformidade da atenção e a detecção precoce de risco. Os autores sugerem a implementação de ferramentas de rastreio sistemático como estratégia de ampliar o alcance e a efetividade do cuidado (Lopes *et al.*, 2023)

A literatura aponta que a integração entre a APS e os Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) é uma das estratégias mais promissoras para o cuidado com a saúde mental dos adolescentes. Em estudos realizados por Ramos *et al.* (2021), destacam-se experiências exitosas de matriciamento, em que equipes de APS contam com suporte técnico do CAPSi para o melhor manejo de casos complexos. Essa colaboração fortalece o vínculo, qualifica o cuidado e promove resolução dentro do território, evitando a grande demanda de encaminhamentos desnecessários (Ramos *et al.*, 2021).

Além das experiências de articulação entre a Atenção Primária à Saúde (APS) e os Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis (CAPSi) via estratégias de matriciamento (Ramos *et al.*, 2021), outras formas de apoio institucional têm demonstrado efetividade no fortalecimento da rede de cuidado. Um estudo de Oliveira *et al.* (2023), realizado em um município do interior paulista, apresentou uma intervenção de apoio matricial voltada à saúde mental infantojuvenil, baseada em uma metodologia de pesquisa-intervenção sócio clínica institucional. A experiência possibilitou às equipes da Estratégia Saúde da Família refletir criticamente sobre as práticas institucionais, ampliar o repertório técnico e fortalecer a capacidade de atenção territorial. O processo foi construído de forma coletiva, com espaços de escuta entre profissionais da saúde e da educação, e resultou na valorização de saberes locais, construção de redes de apoio e aproximação intersetorial entre UBS, escolas e CAPS (Oliveira *et al.*, 2023).

Outro exemplo positivo é apresentado por Tavares *et al.* (2022), que relataram a atuação de psicólogos integrados às equipes de estratégia de saúde da família, contribuindo para a construção de planos terapêuticos singulares e o acompanhamento longitudinal de adolescentes em sofrimento. A presença do profissional de saúde mental na APS potencializou o vínculo e ampliou a adesão ao cuidado (Tavares *et al.*, 2022).



O uso de protocolos clínicos baseados em evidência é outro ponto central na qualificação do cuidado. Segundo Carvalho *et al.* (2022), a sistematização das condutas clínicas através de protocolos facilitam a triagem, a condução e o encaminhamento de adolescentes com sinais de sofrimento psíquico. O estudo propõe um modelo estruturado em etapas que contempla: escuta ativa, avaliação de risco, vínculo com adolescente e encaminhamento articulado (Carvalho *et al.*, 2022)

Para além da implementação de protocolos clínicos, a literatura também destaca a importância de compreender e reorganizar o fluxo de trabalho dentro das unidades de saúde para garantir continuidade e efetividade do cuidado em saúde mental. Um estudo qualitativo desenvolvido por Silva *et al.* (2020), com 29 profissionais de saúde da APS no Noroeste do Paraná, analisou os elementos que compõem o fluxo de atendimento a crianças e adolescentes com sofrimento psíquico. Os autores identificaram um percurso fragmentado e pouco articulado, que envolvia agentes comunitários de saúde, atendimento clínico, encaminhamentos à rede especializada, grupos terapêuticos e retorno à unidade. Segundo os participantes, a ausência de comunicação entre os setores e a rotatividade de profissionais contribuem para a descontinuidade do cuidado, prejudicando o vínculo com os adolescentes e dificultando a adesão ao acompanhamento (Silva *et al.*, 2020).

No mesmo sentido, Andrade *et al.* (2024) demonstraram que ações de capacitação profissional baseadas em simulações clínicas favorecem a segurança dos profissionais e qualidade do atendimento. Após participação em treinamentos com situações simuladas de acolhimento a adolescentes em crise emocional, os profissionais relataram maior confiança para atuar, além de maior clareza sobre fluxos e responsabilidades dentro da equipe (Andrade *et al.*, 2024).

As ações educativas em saúde mental, quando desenvolvidas de forma articulada entre unidades de saúde e instituições escolares, têm se mostrado eficazes na construção de vínculos e na prevenção de agravos emocionais. De acordo com Souza *et al.* (2022), a implementação de rodas de conversa e oficinas temáticas nas escolas, mediadas por profissionais da APS, criou um ambiente de escuta e acolhimento que facilitou o acesso dos adolescentes aos serviços de saúde mental (Souza *et al.*, 2022).

Complementarmente, estudo avaliativo realizado por Dias *et al.* (2023) evidenciou que a formação conjunta de professores e profissionais da saúde resultou em melhor identificação de sinais de sofrimento psíquico nas escolas e maior colaboração com a equipe da APS. Após o curso, os participantes relataram maior integração intersetorial e maior sensibilidade para abordar temas como automutilação, ansiedade e depressão (Dias *et al.*, 2023).



Por fim, uma dimensão essencial apontada pelos estudos é o vínculo terapêutico. Segundo Pereira *et al.* (2022), adolescentes que vivenciaram experiências de acolhimento contínuo na APS relataram sensação de segurança e reconhecimento, o que contribuiu para a adesão ao tratamento. A construção desse vínculo se mostrou mais efetiva quando a escuta foi empática, não julgadora e quando os profissionais mantiveram regularidade nos encontros (Pereira *et al.*, 2022).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos estudos selecionados evidencia que a saúde mental de adolescentes, embora reconhecida como prioridade nas diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), ainda enfrenta diversos desafios para sua efetivação no cotidiano da Atenção Primária à Saúde (APS). O sofrimento psíquico juvenil, cada vez mais prevalente e multifacetado, se manifesta por meio de quadros como depressão, ansiedade, autolesões e ideação suicida, condições que frequentemente passam despercebidas pelas equipes de saúde, mesmo em contextos de acompanhamento regular com os serviços. A APS, por seu vínculo com os territórios, se apresenta como espaço privilegiado para o cuidado precoce, contínuo e integral, mas ainda carece de suporte institucional, capacitação técnica e articulação intersetorial para exercer esse papel com efetividade.

As principais barreiras identificadas nos estudos incluem a ausência de protocolos clínicos específicos para o cuidado em saúde mental de adolescentes, a insegurança profissional diante da abordagem de temas emocionais e a fragilidade na continuidade do cuidado, frequentemente marcada por fluxos desorganizados e desarticulados entre os serviços. Essas limitações comprometem a detecção precoce de situações de risco.

Por outro lado, diversas estratégias promissoras foram descritas. A atuação de psicólogos nas equipes de saúde da família, o apoio matricial em saúde mental infantojuvenil, a formação continuada baseada em simulações clínicas e a construção de protocolos clínicos orientados pela prática são iniciativas que qualificam a escuta e fortalecem o cuidado em rede. Além disso, ações de educação em saúde mental no território, como rodas de conversa, articulação com escolas e formação intersetorial de professores, ampliam a abrangência das ações e favorecem a criação de ambientes protetores. A literatura também reforça a centralidade do vínculo terapêutico como eixo do cuidado em saúde mental na adolescência, destacando a importância de uma escuta empática, não julgadora e sustentada ao longo do tempo.



Nesse sentido, a efetivação de uma atenção integral à saúde mental de adolescentes na APS exige o fortalecimento das políticas públicas já existentes, com foco na ampliação do acesso, na formação humanizada dos profissionais, na valorização do cuidado longitudinal e na articulação com os demais pontos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). É imperativo que os profissionais da APS sejam reconhecidos como agentes estratégicos da promoção da saúde mental e recebam condições institucionais, técnicas e afetivas para exercer esse papel com excelência.

Por fim, destaca-se a urgência de que o cuidado em saúde mental infantojuvenil ultrapasse a lógica biomédica e se firme como um compromisso ético e político com o bem-estar de adolescentes em sua diversidade. Somente com a adoção de práticas acolhedoras, intersetoriais e comprometidas com a singularidade dos sujeitos será possível promover um cuidado verdadeiramente transformador, capaz de contribuir para o desenvolvimento saudável e integral das juventudes brasileiras.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Brasil tem mais de 30 internações ao dia por tentativa de suicídio. Brasília, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-09/brasil-tem-mais-de-30-internacoes-ao-dia-por-tentativa-de-suicidio>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ALBRECHT, R. A. et al. Suicidality in primary care, youth mental health services: prevalence, risk factors and implications for practice. **BMC Psychiatry**, [S. l.], v. 25, n. 194, p. 1–9, 2025. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39932100/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ANDRADE, R. L. et al. Treinamento com simulações clínicas em saúde mental para equipes da atenção básica. **BMC Medical Education**, [S. l.], v. 24, n. 78, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40410687/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. **Caderno de Atenção Básica: Saúde Mental na Atenção Primária**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/ape/cab>. Acesso em: 17 jul. 2025.

CARVALHO, J. M. et al. Protocolos clínicos para atenção à saúde mental de adolescentes na APS: revisão integrativa. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, [S. l.], v. 26, e39807034, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-39807034>. Acesso em: 17 jul. 2025.

DIAS, L. A. et al. Formação intersetorial para professores e profissionais da saúde sobre saúde mental adolescente. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 557–568, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-37567443>. Acesso em: 17 jul. 2025.



FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Adolescência e suicídio: um problema de saúde pública**. Rio de Janeiro: Fiocruz/ENSP, 2024. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/09/probabilidade-de-adolescentes-cometerem-suicidio-superou-de-jovens-adultos-na>. Acesso em: 17 jul. 2025.

LOPES, R. T. et al. Triagem sistemática em saúde mental de adolescentes na atenção primária: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, [S. l.], v. 18, e36433767, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-36433767>. Acesso em: 17 jul. 2025.

OLIVEIRA, P. R. et al. Apoio matricial em saúde mental infantojuvenil na Atenção Primária à Saúde: pesquisa-intervenção socioclínica institucional. **Revista de Enfermagem USP**, [S. l.], v. 55, p. 1–8, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-37935400>. Acesso em: 17 jul. 2025.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Saúde mental de adolescentes e jovens no Brasil: situação atual e diretrizes de atenção**. Brasília: OPAS, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2023/saude-mental-de-adolescentes-no-brasil>. Acesso em: 17 jul. 2025.

PEREIRA, H. F. et al. O vínculo terapêutico como fator de adesão de adolescentes ao cuidado em saúde mental na APS. **Saúde e Sociedade**, [S. l.], v. 31, e37061906, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-37061906>. Acesso em: 17 jul. 2025.

RAMOS, D. M. et al. Práticas intersetoriais na atenção psicossocial infantojuvenil: integração entre APS e CAPSi. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 121–134, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33536017/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SILVA, A. C. et al. Processo de trabalho e fluxo de atendimento em saúde mental na Atenção Primária à Saúde sob a ótica da Estratégia Saúde da Família. **Texto & Contexto Enfermagem**, [S. l.], v. 29, e20190191, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/jFxdMhRNXXKK9ddyGHXdWxWw/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SILVA, M. L. et al. Challenges of identifying adolescent mental distress in primary care: professionals' perceptions. **Journal of Adolescent Health**, [S. l.], v. 70, n. 4, p. 612–619, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35692315/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SOUZA, E. C. et al. Ações educativas em saúde mental com adolescentes: articulação entre UBS e escolas. **Revista de Saúde Pública**, [S. l.], v. 56, e39433378, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-39433378>. Acesso em: 17 jul. 2025.

TAVARES, L. A. et al. Psicólogo na atenção primária: contribuições para o cuidado em saúde mental de adolescentes. **Revista de Psicologia da Saúde**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 55–67, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35803390/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **A Situação Mundial da Infância 2021: Na minha mente – promover, proteger e cuidar da saúde mental das crianças**. Nova Iorque: UNICEF, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em: 17 jul. 2025.